

## LEGALIDADE FACULTATIVA

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz<sup>1</sup>

*Yo quisiera decirnos unas palabras de optimismo: estoy convencido de que el pesimismo podrá formar una aguda metafísica pero es siempre una mortal política.* (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 756)

Duas notícias marcaram presença quase diária na mídia brasileira nas últimas semanas. O que chama a atenção, neste caso, são dois aspectos: o primeiro é a semelhança dos fatos que a deram origem e o segundo é o absurdo conceitual, o paradoxo irritante que nos atingem a inteligência.

Refiro-me à nomeação da deputada federal Cristiane Brasil para o cargo de ministra do Trabalho e ao recém nomeado diretor do DETRAN de Minas Gerais, o delegado Cesar Augusto Monteiro Alves Júnior. O que as duas notícias têm de semelhante? Ora, considerando que a deputada respondeu a dois processos trabalhistas e o delegado acumulou 120 pontos na CNH – agora suspensa - por infrações médias e graves, o que os assemelha é justamente a incongruência, a contradição e a inconsistência. É o que chamamos acima de absurdo conceitual, de paradoxo irritante e que se refere, veremos, a uma crise institucional.

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset, pensando a Espanha de sua época

(final do século XIX e primeira metade do XX), deixou para nós preciosas lições que valem a pena serem lembradas nesse momento. Principalmente levando em conta os acontecimentos mais recentes em nosso país, cujas notícias comentadas são apenas, digamos, a ponta do *iceberg*. Os problemas que os espanhóis enfrentavam naquele momento parecem ser muito parecidos com os que temos hoje que lidar, por isso a interpretação orteguiana é ainda válida. Vejamos em que consiste a meditação do filósofo e o que podemos aprender com ela.

Em 13 de agosto de 1907, ao remeter a seu pai uma carta da Alemanha (onde estudava na época), Ortega anexa um texto para ser publicado no jornal *El Imparcial* (o que nunca ocorreu) sob o sugestivo título *Anarquía gubernamental*, no qual analisa a propositura de leis na Espanha e seu deliberado descumprimento. Ele nos diz que na Espanha daquela época “[...] ninguém governa. Não existe lei; sobre a triste terra que parece herdar uma divina maldição se cerne só o capricho. Não existe *arquía*, não há princípio nem norma de legislação. A forma de governo na Espanha é o atropelo da lei” (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 290, itálico no original, Carta 95).

Vejamos, então, que o autor ironiza a ideia de que os governantes criam leis cosméticas, pois servem apenas para dar uma feição de organização ao país e que, na prática, elas não existem. Veja-se o absurdo

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

dessa concepção: uma lei, como o próprio nome já diz, para não se transformar em uma contradição nos próprios termos precisa ser seguida, se homologada, indiscutivelmente. A lei não é um capricho, não é mera burocracia. Imagine o leitor o desastre universal se as leis que regem a organização cósmica se tornassem repentinamente facultativas. Daí a ideia paradoxal de uma anarquia, mas governamental. Daí essa espécie de “legalidade facultativa” que vivemos no Brasil, como se disséssemos que basta conhecer a lei. Cumpri-la, no entanto, parece ser outra história: depende dos interesses de cada um.

Em outro texto da juventude orteguiana, pronunciado por seu pai no outono de 1906 e intitulado *Discurso para los juegos florales de Valladolid*, percebemos que o filósofo chama atenção para a necessidade do otimismo – compreendido também como esperança, pois diz respeito ao porvir - e da sinceridade na atividade política, para que esse agir não se transforme nesse paradoxo doentio ou apenas uma questão de vaidade. É na crítica a esse comportamento vaidoso que Ortega medita a respeito do papel de cada cidadão na melhora da sociedade dizendo que “[...] a única maneira de ser patriota é exigirmos nossa própria melhora” (idem, p. 752). Ao compreender assim o problema, o autor dirá algo que parece interpelar nosso presente, principalmente ao considerarmos aqueles dois acontecimentos que discutimos anteriormente. Diz ele que é justamente por

causa dessa vaidade, dessa ação por capricho e não por uma exigência interna, pessoal, comprometida consigo e com os outros, moral e socialmente, “que nossas ações sejam tão vãs, quer dizer, meras aparências, fantasmas sociais; nossas leis vãs, quer dizer, letra morta [...]. Os sábios não sabem, os mestres não ensinam, os ministros não ministram, a polícia não guarda [...]” (idem, p. 759).

Não há dúvidas que estamos vivendo uma crise institucional no Brasil quando chegamos ao absurdo de ver suspensa a CNH de um diretor do Departamento Nacional de Trânsito e a indicação de um réu condenado em processos trabalhistas para o ministério do Trabalho. Isso para não tocarmos no polêmico assunto da greve dos policiais. Oxalá essa “moda” não chegue aos agentes penitenciários...

Essas reflexões que Ortega inicia no começo dos anos 1900 serão colocadas em prática em 1914, ano em que o autor já atinge certa maturidade de reflexão. Além da redação do que muitos comentadores consideram sua obra magna, *Meditaciones del Quijote*, temos dois textos sobre política que são valiosos devido à sua atualidade. Eles são *Vieja y nueva política* e *Prospecto de la “Liga de educación política española”*. Vejamos alguns ensinamentos que podemos retirar destes textos riquíssimos e que nos permitem compreender e responder aos desafios de nosso tempo.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

Naquele momento, José Ortega y Gasset, então líder e porta-voz da Liga de educação política espanhola, via na Espanha o padecimento de uma crise de ideologia política. Essa crise estava estabelecida na antítese entre duas formas de organização do país: a *Espanha oficial*, resultado de uma política velha, decadente, que se mantinha de pé apenas pelo equilíbrio natural de sua mole, e a *Espanha vital*, que nasceria daquela organização política decadente como um imperativo pessoal e social de manutenção da nação. Há certas características de nossa época que parecem nos permitir entender que também nós, brasileiros, vivemos um período de crise que coloca em conflito dois “Brasis”: o Brasil de dom João VI, corrupto, que se preocupa na manutenção de uma corte ociosa e que se arrasta até nossos dias e o Novo Brasil, verdadeiramente democrático, de juventude consciente, de eleitores educados e sinceros, sem vaidade e capricho, de instituições menos burocráticas e mais sérias e autênticas.

Se assim é, o momento que vivemos transforma-se em um período de transição importantíssimo (não só por este ser um ano eleitoral), pois pode vir a significar que nessa alteração dos dois “Brasis”, talvez, depois do doloroso partejamento da nova nação, que se encontra em feto, em potência em cada um de nós, não só ela como os próprios indivíduos em suas vidas íntimas, em suas relações pessoais e sociais comecem a

refletir se sua atitude condiz com o que requer essa nova nação, essa nova forma de organizar a vida nacional. Talvez nesse novo Brasil que pode surgir do momento de profunda crise política e institucional de nossos dias consigamos enterrar o outro, com as honras devidas de um ancião que tanto nos ensinou, de um velho de guerra que nos assegurou o presente que temos, mas com serenidade, certos de que é o melhor a ser feito, certos de que não só ele descansará em paz, mas que também nós poderemos usufruir dela.

Como isso poderia ser possível? O único meio, aparentemente, é o trabalho educativo. Não me refiro exclusivamente aos ambientes formais de educação, como a escola ou a universidade. Nem mesmo à uma pedagogia do oprimido, se é que se pode tratar do problema a partir deste maniqueísmo grosseiro. Refiro-me a um modo de vida crítico, a uma posição moral, a mestres que, mais que um diploma, possuam a sabedoria de compreender que uma sociedade saudável necessita de uma individualidade saudável, de que uma nação que se queira assim, nação, necessita que seus indivíduos vivam primeiro com excelência. A educação é a formação do homem, assim mesmo como queriam os gregos, e assim mesmo como diz, ainda, Ortega, apresentando para nós os dois mandamentos da política como otimismo: 1) a melhora de um país não depende das leis

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

que nele existem (pois podem ser apenas capricho, “de mentirinha”), mas de que eu, cidadão ordinário, viva de modo que meu ofício atinja seu mais alto grau de perfeição e 2) que simplesmente nada que aconteça em meu país pode me ser indiferente.

Assim, Ortega atribui à educação a importância da mudança, da transformação dos homens e da sociedade, pois somente a partir dela é possível alcançar o ideal de excelência que a vida requer. Apendemos há muito dos maiores sábios da história que viver é aprender a morrer: o pão morre para virar alimento, a semente tem de partir para a árvore surgir e dar frutos. Temos de nos despedir de tudo aquilo que transforma o viver em mero “não-morrer” para recebermos com alegria a vida verdadeira, a vida em que de fato pode ser, a vida com jovialidade que vale a pena ser vivida. O otimismo não é simplesmente acreditar que o melhor está por vir, mas que o melhor ainda está por fazer. Coragem é a virtude do momento: para debater, para estudar, para compreender, para agir, para escolher, para acreditar, para mudar. Coragem para assumir a postura de quem não aceita mais a balela e a farra da politicagem. Coragem, sobretudo, para dizer que não se envergonha de lutar pelos valores em que se acredita.

## REFERÊNCIAS

ORTEGA Y GASSET, José. *Cartas de um joven espanhol*. Madri: El Arquero, 1991.

\_\_\_\_\_. *Prospecto de la “Liga de Educación Política Española”*. *Obras Completas*. v. 1, 2 ed. Madri: Alianza, 1993, p. 300 – 307.

\_\_\_\_\_. *Vieja y nueva política*. *Obras Completas*. v. 1, 2 ed. Madri: Alianza, 1993, p. 266 – 299.

<sup>1</sup> Mestrando em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares), bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1337932858013841>.

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVII jan-mar 2018</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-04</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	